

O PAPEL DA LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO SOCIAL EM *A BAGACEIRA*

THE ROLE OF LANGUAGE IN SOCIAL CONSTRUCTION IN *A BAGACEIRA*

Recebido: 09/04/2025 Aprovado: 19/05/2025 Publicado: 31/07/2025

DOI: 10.18817/rlj.v9i1.4078

Francisco Arkires Silva do Nascimento¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0006-6252-1911>

Rafael Lima Vieira²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8680-9104>

Resumo: Este estudo analisa o papel da linguagem na construção social na obra *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, destacando como a dualidade entre o registro erudito do narrador e os regionalismos das personagens reflete tensões de poder e disparidades no sertão nordestino durante os ciclos de seca. Partindo do pressuposto de que a variação linguística opera como marcador de hierarquias sociais, o objetivo é compreender de que modo os registros linguísticos articulam críticas às desigualdades estruturais da região. Metodologicamente, emprega-se a análise qualitativa de trechos emblemáticos da obra, fundamentada em referenciais teóricos como Bakhtin (2011), Lima (2011), Proença (1981) e Oliveira (2006), que discutem a relação entre língua, identidade e representação social. Os resultados evidenciam que a alternância entre linguagem culta e popular não apenas demarcam a estratificação social, mas também denunciam a estigmatização do falar nordestino, associada a dinâmicas de exclusão cultural e política. A voz erudita do narrador, carregada de ironia e lirismo, contrasta com a oralidade das personagens subalternas, expondo contradições de um projeto nacional que oscila entre homogeneização e diversidade. Conclui-se que a obra utiliza a linguagem como instrumento crítico, desvelando a violência simbólica enraizada no contexto sertanejo e reforçando o papel da literatura na representação de realidades marginalizadas. O estudo contribui para debates sobre sociolinguística e representação literária, destacando a relevância de obras regionalistas para a compreensão de conflitos identitários no Brasil.

Palavras-Chave: Linguagem; Construção social; *A Bagaceira*; Regionalismo; Desigualdade.

Abstract: This study examines the role of language in social construction in José Américo de Almeida's *A Bagaceira* (1928), emphasizing how the duality between the narrator's erudite register and the regional dialects of the characters reflects power tensions and disparities in the Brazilian Northeast during drought cycles. Grounded in the premise that linguistic variation operates as a marker of social hierarchies, the central objective is to understand how linguistic registers articulate critiques of the region's structural inequalities. Methodologically, a qualitative analysis of emblematic excerpts from the novel is employed, supported by theoretical frameworks such as Bakhtin (2011), Lima (2011), Proença (1981), and Oliveira (2006), who explore the relationship between language, identity, and social representation. The findings reveal that the alternation between erudite and colloquial language not only demarcates social stratification but also denounces the stigmatization of Northeastern speech, linked to

¹ Graduando em Letras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus Tianguá. E-mail: arkiresilva52@gmail.com

² Professor do IFCE. Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco com pesquisa financiada pela Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), tendo como tema "Políticas de Educação do Movimento LGBT". Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste. Atualmente desenvolve estudos abordando temas que vão desde teorias de gênero e sexualidade (sexualidade, gênero, feminismos, sexismo, violências de gênero, LGBTfobia, direitos humanos) até Fundamentos da Educação, Política e Gestão educacional (políticas educacionais, práticas escolares, gestão escolar, legislação educacional, história da educação). Tenho interesse em temas como saúde e adoecimento mental, psicologia e psicanálise, depressão e adoecimento mental na infância, etc. E-mail: rafael.vieira@ifce.edu.br

cultural and political exclusion dynamics. The narrator's erudite voice, marked by irony and lyricism, contrasts with the oral expressions of subaltern characters, exposing contradictions in a national project torn between homogenization and diversity. The conclusion asserts that the novel employs language as a critical tool, unveiling the symbolic violence entrenched in the sertão context and reinforcing literature's role in representing marginalized realities. The study contributes to debates on sociolinguistics and literary representation, underscoring the relevance of regionalist works for understanding identity conflicts in Brazil.

Keywords: Language; Social construction; *A Bagaceira*; Regionalism; Inequality.

INTRODUÇÃO

A literatura modernista brasileira, conforme destacam Coutinho (2004) e Tavares (1978), assume papel central na construção de identidades socioculturais ao empregar as variações linguísticas como espelho de pertencimento e demarcação de hierarquias sociais. Nesse contexto, *A Bagaceira*³ (1928), de José Américo de Almeida, destaca-se como obra emblemática ao articular, por meio da dualidade entre a linguagem erudita do narrador e os registros regionais das personagens, as tensões de poder e as disparidades que marcam o sertão nordestino durante os ciclos de seca. A dicotomia linguística presente no romance reflete a estratificação social da região, e assim, suscita a seguinte questão: de que forma a linguagem opera na construção social dos personagens?

A justificativa desta pesquisa reside na necessidade de investigar os mecanismos sociolinguísticos que perpetuam a estigmatização do falar nordestino⁴, fenômeno historicamente enraizado e amplificador de desigualdades regionais. A associação entre variação linguística e preconceito social, como ocorre em contextos de marginalização de grupos subalternos, reflete dinâmicas de poder que ultrapassam o plano discursivo, consolidando estereótipos que reforçam exclusões culturais e políticas.

³ *A Bagaceira* é um romance publicado em 1928 pelo escritor brasileiro José Américo de Almeida. Considerada um marco inicial do romance regionalista do Modernismo brasileiro, a obra retrata o impacto da seca de 1898 no sertão nordestino, abordando a migração forçada de retirantes em busca de melhores condições de vida. O enredo centra-se no triângulo amoroso entre Soledade, uma jovem sertaneja; Lúcio, filho do proprietário do engenho Marzagão; e Dagoberto, pai de Lúcio e dono do engenho. A narrativa expõe as tensões sociais e culturais entre os habitantes do brejo e os retirantes do sertão, destacando as desigualdades e os conflitos resultantes desse encontro.

⁴ Segundo Bagno (1999, p. 23), a estigmatização de variedades linguísticas não padrão atua como mecanismo de exclusão social, reforçando hierarquias que marginalizam grupos periféricos. Essa dinâmica, ao associar diferenças dialetais a estereótipos de inferioridade, reflete estruturas de poder historicamente enraizadas. O autor argumenta que o preconceito linguístico instrumentaliza a língua como marcador de desigualdade, naturalizando disparidades culturais e geográficas. Essa perspectiva sustenta a análise da estigmatização do falar nordestino na obra, que reflete a marginalização de identidades regionais no contexto brasileiro.

Ao analisar *A Bagaceira*, busca-se identificar tais processos na obra e problematizar como a literatura, enquanto dispositivo crítico, desvela as contradições de um projeto nacional que oscila entre homogeneização e diversidade. Do ponto de vista acadêmico, o estudo dialoga com pesquisas sobre a relação entre língua, identidade e representação social, propondo uma análise situada na interseção entre estética literária e realidade sociocultural.

A perspectiva do pesquisador, enquanto sujeito inserido no contexto geográfico e cultural em questão, permite um olhar atento às nuances simbólicas da linguagem regional, conferindo rigor analítico à discussão sem desconsiderar a dimensão ética inerente ao tema. Desse modo, o objetivo deste estudo consiste em analisar os aspectos linguísticos presentes na obra, focalizando a distinção entre a linguagem erudita e a regional, com o intuito de compreender as implicações sociais decorrentes dos registros linguísticos.

Para delimitar o *corpus* de análise, selecionaram-se trechos específicos do romance que evidenciam a dualidade linguística presente nos discursos do narrador e das personagens. A metodologia adotada baseia-se em uma análise qualitativa, fundamentada nos referenciais teóricos de Lima (2011), Nóbrega (2018), Proença (1981), Oliveira (2006), Athayde (1978), Bakhtin (2011) e Magalhães (2009), os quais oferecem os pressupostos necessários à compreensão dos aspectos estilísticos e sociolinguísticos da obra. Assim, este trabalho contribui para o entendimento das relações entre linguagem e sociedade, destacando o papel da literatura na representação das desigualdades sociais no contexto do sertão.

INTERAÇÃO DIALÓGICA: A CONVERGÊNCIA ENTRE LINGUAGEM ERUDITA E REGIONALISMO

A estrutura narrativa do romance *A Bagaceira* constrói-se a partir de um ciclo temporal reiterativo, no qual cenas aparentemente fragmentárias se justapõem, desafiando a linearidade esperada pelo leitor. Esse caráter não cronológico, associado à estética modernista de valorização da experimentação formal, reflete uma ruptura com modelos tradicionais de representação literária. Nesse contexto, o narrador heterodiegético e onisciente assume função central como mediador entre os planos temporal e simbólico da narrativa, reorganizando os eventos de modo a conferir unidade à fragmentação. Sua voz, ao transitar entre a descrição objetiva da

seca e a interioridade das personagens, opera como dispositivo crítico que expõe as tensões sociais do sertão, alinhando forma e conteúdo na denúncia das desigualdades estruturais.

Segundo Lima (2011), o narrador em romances regionalistas organiza o enredo e incorpora diferentes registros linguísticos, o que contribui para a coesão textual e para a articulação de discursos que se inter-relacionam. Essa perspectiva dialoga com os pressupostos teóricos de Bakhtin (2011), para quem a heteroglossia evidencia a coexistência e a interação de múltiplas vozes em um mesmo discurso, revelando as complexas relações sociais e culturais do contexto representado.

A obra evidencia, de forma sistemática, a convivência de registros linguísticos que variam de acordo com o posicionamento social das personagens. A fala do narrador e do doutor Lúcio, por exemplo, contrasta com os discursos do senhor de engenho, dos brejeiros e dos sertanejos, revelando a alternância entre os registros culto e popular. José Américo de Almeida estrutura sua narrativa com o objetivo de enfatizar essa oposição, empregando a linguagem erudita como recurso para denunciar as desigualdades e as relações de poder no sertão nordestino durante o período de seca. Conforme Proença (1981, p. 45) "a diferenciação dos registros linguísticos é uma estratégia consciente para expor as disparidades sociais e culturais". Enquanto Oliveira (2006, p. 84) afirma que "a articulação entre os registros formal e coloquial cria um espaço de crítica às injustiças sociais".

De acordo com Tavares (1978), *A bagaceira* delimita três modalidades linguísticas: a) associada ao sertão (liberdade); b) vinculada ao brejo (submissão); c) empregada no discurso do narrador, juntamente com a de Lúcio (recriminação). Ao focar esta última, observa-se que o discurso do narrador se caracteriza por uma retórica consistente, uma semântica articulada e uma sintaxe marcada pela erudição — traços que, segundo Athayde (1978), reforçam sua função como agente crítico das desigualdades sociais.

Nesse sentido, a convergência entre linguagem erudita e regionalismo configura-se como recurso estilístico e instrumento de denúncia e reflexão sobre a realidade social do Nordeste. Nota-se, portanto, que o narrador, ao adotar um discurso erudito, estabelece certo distanciamento em relação às personagens, ao mesmo tempo em que evidencia o caráter denunciador das realidades da seca:

Calores modorraais nas charnecas esmoitadas. Um monstro clandestino resfolegava. Era o nordeste, no seu advento pulveroso, aos redemoinhos querendo dançar a ciranda com os retirantes. [...] E os sertanejos, encadeados, esfregavam os olhos como se estivessem chorando, nessa derradeira mirada de saudade (Almeida, 1981, p. 21).

A obra emprega uma linguagem tradicional marcada por um tom sentencioso, acentuado por elipses e por imagens que se aproximam do grotesco na representação da realidade. Essa característica torna-se particularmente evidente na comparação realizada pelo narrador, que designa o Nordeste como "monstro clandestino", sugerindo uma personificação da região que aflige os retirantes, os quais procuram refúgio diante dos agravantes sociais decorrentes da seca.

A partir dessa perspectiva, o discurso do narrador pode ser compreendido sob duas vertentes distintas: uma de natureza lírica e outra orientada ao regionalismo e à denúncia social. Na dimensão lírica, o autor recorre a metáforas que escapam a uma equivalência semântica precisa, permitindo-lhe descrever a natureza de modo quase abstrato, como no trecho: "A noite nua, sem o maiô das nuvens, nas negligências da solidão, tomar um banho de leite. E a brancura tangível escorria molhando as coisas adormecidas" (Almeida, 1981, p. 87). Nesse contexto, o narrador adota um discurso que, de forma contida, idealiza a figura de Soledade, qualificando-a como "sóbria", o que confere à narrativa uma dimensão estética em diálogo com a crítica social implícita na obra.

Soledade estava toda impregnada dessa natureza odorante. A emanção violenta ungiu-lhe a carne molhada. Cheirava, como se toda a floração se tivesse entornado nela, como se estivesse florindo também em suas graças sexuais. O odor infiltrava-se- lhe até nos olhos verdes... (Almeida, 1981, p. 25).

Além de estabelecer uma associação entre a personagem e os elementos naturais, o narrador sugere que a identidade da sertaneja se funde ao ambiente, ao descrever que "esse odor natural estava se infiltrando nos olhos da moça". Essa imersão do ser na natureza reforça uma dimensão sensorial que ultrapassa a mera descrição estética.

Contudo, o condutor do discurso equilibra essa idealização, evitando a construção de uma figura platônica ou inacessível, ao mesmo tempo em que evidencia traços de materialidade e sexualidade da jovem por meio de expressões como "carne molhada" e "graças sexuais". Tais escolhas lexicais indicam, conforme Proença (1981)

e Oliveira (2006), a intenção de destacar a corporeidade da personagem e de aproximá-la de uma realidade erótica, que se articula com a denúncia das desigualdades e dos estigmas sociais presentes no sertão.

Outro aspecto idealizado reside na relação amorosa entre a sertaneja e o doutor Lúcio, a qual é construída de maneira a oscilar entre a inocência e a manifestação concreta do desejo. Essa relação, que articula elementos de idealização e de tensão afetiva, revela as contradições inerentes às interações sociais no contexto de um sertão marcado pela seca e pela desigualdade.

Lúcio rendia-se a esses caprichos inocentes. Só via em Soledade a solteirinha inata, de uma graça tão menineira, que, às vezes, tinha ganas de tomá-la ao colo. Nesse ambiente afrodisíaco, nutria um amor sem carnalidades, um idílio naturista, com o sabor acre de fruta de vez junto aos abandonos e aos modos de indiferença ou de entrega dessa mulher perturbadora que alvoroçava todo o Marzagão (Almeida, 1981, p. 56).

Neste trecho, observa-se que, para Lúcio, o sentimento por Soledade, durante sua juventude, era concebido como “sem carnalidades”, ou seja, puro e idealizado. No entanto, nos capítulos finais, já comprometido em outra relação, ele constata que “a lembrança do amor ou é saudade ou remorso. Nesse caso, era vergonha” (Almeida, 1981, p. 114), indicando que tal idealização não passou de uma ilusão. Para Antônio Oliveira:

o lirismo presente na narrativa suscita uma consciência aguda dos problemas nacionais, ao conduzir a incisiva penetração nos relevantes problemas nacionais nos chegue por meio de uma poética rigorosamente elaborada, detentora de meios expressivos (Oliveira, 2006, p. 84).

configurando um discurso que, simultaneamente, aproxima o leitor da realidade e impõe uma crítica às estruturas sociais.

A crueza da realidade é enfatizada por meio de metáforas que expõem situações extremas, como a fome no sertão: “Fariscavam o cheiro enjoativo e melado que lhes acerbava os estômagos jejunos. E, em vez de comerem, eram comidos pela própria fome numa autofagia erosiva” (Almeida, 1981, p. 4). Essa construção poética da linguagem abre espaço para interpretações que combinam elementos estéticos e sociais.

No capítulo “A festa da ressurreição”, o lirismo atinge seu ponto máximo ao retratar a revitalização da flora nordestina após a seca. Nesse segmento, o narrador

transforma a paisagem em um símbolo de renascimento, empregando imagens que ultrapassam a simples descrição natural e se configuram como metáforas de esperança e transformação. Essa representação, conforme Oliveira (2006), evidencia como a linguagem poética articula uma crítica às condições de vida marcadas por adversidades extremas, ao mesmo tempo em que proporciona uma dimensão estética capaz de suscitar novas interpretações da realidade social.

Ao recorrer a um discurso altamente poético, o autor não se limita a narrar os fatos. Ele constrói uma narrativa que dialoga com as contradições históricas e culturais do sertão. A imagem da “ressurreição” da natureza, descrita com termos que evocam o mítico, torna-se um recurso para questionar e reinterpretar relações de poder e desigualdades sociais já evidenciadas ao longo da obra. Assim, a estilização da linguagem amplia o horizonte interpretativo do leitor e reforça o viés crítico do discurso. Ao mesmo tempo, resgata elementos de uma tradição literária que se vale da tensão entre o erudito e o regional para refletir sobre a identidade do povo nordestino.

A verdura era um despotismo de cor. Invadia até as águas. Surdia como uma bolha de esperança, uma espuma de esmeralda; fingia ilhotas para os segredos das donzelinhas, as libélulas de tantos olhos que tinham visto Soledade tomar banho; estendia-se, afinal, por toda a superfície líquida, com sua colcha de alga, para o açude não ter frio [...] depois, toda essa verdura começava a rir na alvura dos capulhos da várzea Ferraz (Almeida, 1981, p. 97).

O alto teor poético do narrador manifesta-se na forma como a cor verde, símbolo do renascimento da folhagem, domina a paisagem. O diferencial dessa passagem está na maneira como o narrador constrói liricamente essa transformação. Conforme Oliveira há um “deslocamento conceitual das palavras, levando a efeito um discurso multívoco que reveste os objetos de significações desdobradas que captam nuances inesperadas nos seres e nas coisas” (Oliveira, 2006, p. 87).

Nesse sentido, o narrador descreve o ambiente por meio de termos ligados ao verde — como “verdume”, “esperança”, “esmeralda” e “alga” —, combinando-os a palavras que, à primeira vista, não guardam relação direta entre si. Essa escolha estilística humaniza a cor verde, atribuindo-lhe características como a de ser “déspota”, indicando sua supremacia na paisagem, e a de “rir”, em referência à “alvura da várzea”, elemento geralmente dissociado do branco.

O lirismo também se intensifica com expressões como “espuma de esmeralda” e “colcha de alga”, que provocam estranhamento no leitor menos atento, pois a

associação entre esses elementos nem sempre é imediata. Contudo, uma análise mais aprofundada permite relacionar essas imagens às plantas aquáticas que se acumulam nas margens e superfícies dos rios e açudes, tingindo parcialmente as águas de verde e criando a sensação visual da colcha mencionada pelo narrador.

Lima (2011), ao defender a segunda vertente discursiva do narrador, ou seja, a da crítica social, destaca que este condiciona a formação de uma literatura preocupada com a vinculação do debate político-ideológico e com a igualdade humana entre os diferentes representantes das classes sociais. Essa perspectiva está evidente nas passagens em que a narrativa denuncia as desgraças associadas à seca: “Ninguém pergunta ao retirante de onde ele vem nem para onde vai. É um homem que foge do seu destino. Corre do fogo para a lama” (Almeida, 1981, p. 88).

O contraste entre as classes sociais é enfatizado pelo narrador por meio da variação linguística, adaptando seu discurso ao personagem em foco. Quando se refere a Lúcio, a linguagem assume um tom erudito e introspectivo, abordando suas preocupações particulares, como o amor por Soledade, e sua percepção da miséria dos retirantes no engenho do pai: “Lúcio almoçava com sentido nos retirantes. Escondia côdeas nos bolsos para distribuir com eles, como quem lança migalhas a aves de arribação” (Almeida, 1981, p. 4).

Por outro lado, ao abordar as classes menos favorecidas, o narrador emprega um vocabulário regionalista. A presença constante de expressões populares levou José Américo a elaborar um glossário próprio, tornando o texto acessível a leitores de diferentes regiões. Essa coexistência harmoniosa entre linguagem culta e popular cria um equilíbrio estilístico que enriquece a narrativa, reforçando sua complexidade estética e seu compromisso com a realidade social nordestina.

E, mais e mais, se vexava, percebendo os impropérios dos cambiteiros desbocados na balbúrdia recrescente. [...] De veneta, correu até a coivara e trouxe um facho na mão como para alumiar. E chegou-o ao colmo velho. Tocou fogo no rancho tumultuoso. Ao clarão instantâneo, embarafustou pelas chamas, num soberbo arremesso (Almeida, 1981, p. 37).

Nesta passagem, o narrador concentra-se em Pirunga, irmão de criação de Soledade e representante do sertanejo. A presença de termos como "vexava", que significa apressar; "cambiteiros", referindo-se àqueles que carregavam a cana; "veneta", indicando algo repentino ou impulsivo; "coivara", que designa as ramagens queimadas; e "embarafustou", que expressa algo feito de maneira atrapalhada,

reforça o regionalismo do texto. Esses vocábulos possuem significados específicos que são mais facilmente compreendidos pelos falantes da região retratada.

Paralelamente, termos mais eruditos, como "impropérios" e "balbúrdia", aproximam-se da norma culta, promovendo um equilíbrio entre os diferentes registros linguísticos na narrativa. Essa harmonização entre o regional e o culto é um dos elementos que conferem singularidade ao estilo do autor, permitindo que a obra transite entre a oralidade das personagens e a sofisticação do discurso do narrador.

Ao analisar a linguagem das personagens, é fundamental evitar a dissociação simplista entre texto e linguagem. A obra de José Américo de Almeida apresenta traços regionalistas tão marcantes que, em diversos momentos, um glossário torna-se necessário para a compreensão plena do vocabulário empregado. Nesse sentido, Magalhães (2009) destaca que a obra estabelece “uma relação variada por meio de subtextos e tradições, que destacam o significado das palavras mediante ironia e cria orientação e instabilidade através da interpretação variada que faz emergir mundos do texto” (Magalhães, 2009, p. 135).

Athayde reforça essa perspectiva ao afirmar que “todo o livro é escrito em brasileiro. Ora culto, ora bárbaro, mas sempre em brasileiro, sem transcrição brusca e artificial” (Athayde, 1978, p. 42). Essa observação ressalta a naturalidade com que a obra alterna entre registros, sem rupturas abruptas, mas de forma fluida e coerente.

O protagonista Lúcio, jovem de formação intelectual e origem socioeconômica elevada, distingue-se das demais personagens por seu registro linguístico bifacetado. Sua expressão oscila sistematicamente entre a variedade regional e a norma culta, conforme o contexto interlocutivo—um procedimento que, nas palavras de Proença (1981, p. 44), o escritor usa 'com inteira naturalidade, onde uma ou outra caibam'. Esse dualismo caracteriza o protagonista como um sujeito fronteiro entre grupos sociais distintos e materializa, no plano da enunciação, a tensão entre localismo e universalismo presente na obra.

O narrador, ao adotar a ironia como recurso estilístico, reforça a dicotomia linguística presente na obra. Segundo Lima (2011), o narrador utiliza as falas de Lúcio apresentadas em monólogo interior, que são recheadas de recriminações ao contexto social e marcas de estilo individuais. Dessa forma, o discurso do protagonista torna-se um instrumento de crítica social, refletindo as contradições do meio em que está inserido e evidenciando a desigualdade que permeia o cenário retratado. Na descrição

da terra elaborada pelo narrador, evidenciam-se, portanto, as dimensões de poder, representação e significado que permeiam a narrativa:

A mata fronteira, o padrão majestoso, estava acesa numa cor de incêndio. Havia uma semana, surdida um toque estranho na monotonia da verdura. Dir-se-ia um ramo amarelado à torreira da estação. Dominava ainda a esmeralda tropical. [...] E, logo, o pau-d'arco assoberbou a flora, como um banho de ouro na folhagem. Nessa manhã luminosa a mata resplandecia com uma orgia de desabrocho em sua pompa auriverde (Almeida, 1981, p.10).

O discurso de Lúcio, marcado pela recriminação, assume um teor ironicamente contundente, pois “o cenário futuro restabelece as adversidades do amor, que a presença de Soledade haveria de instalar nos corações do pai e do filho, plantando a semente da morte, estabelecendo-se o ciclo da tragédia e da dor” (Tavares, 1978, p. 91). Dessa forma, a dualidade presente no discurso das personagens evidencia a angústia imposta pela seca e a crueza sociológica dos acontecimentos, envolta na poetização de cenas e sentimentos.

Essa dualidade linguística manifesta-se na contraposição entre um registro culto refinado e expressões regionais, constituindo-se como um dos elementos mais distintivos da narrativa. Em suas intervenções discursivas, Lúcio transita entre a reflexão filosófica e a sátira social, reforçando seu duplo papel de analista e ator do meio que o circunda. Tal caracterização verbal estabelece uma nítida demarcação entre as estratificações sociais representadas no romance, funcionando como dispositivo narrativo fundamental para a elaboração do universo ficcional.

Nesse sentido, Lima (2011) argumenta que o narrador condiciona a formação de uma literatura preocupada com a articulação entre o debate político-ideológico e a busca pela igualdade humana entre os diferentes representantes das classes sociais. Esse aspecto é evidenciado na forma como a narrativa se desdobra, contrapondo a dura realidade vivida pelos retirantes e trabalhadores rurais às reflexões e inquietações de Lúcio.

- Vou casar-me com a filha do assassino.
- Não, meu filho, ela (Soledade) não pode ser tua esposa porquê...Eu profanei a memória de tua mãe, mas foi tua mãe, que amei nela... [...]
- Meu pai desonrou minha família, prostituiu minha prima, tomou minha noiva!...
- Minha gente, isso é o fim do mundo... (Almeida, 1981, p. 90,93).

Para Bakhtin “O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado” (Bakhtin, 2011, p. 298). Essa perspectiva teórica ajuda a compreender como Soledade traz, em suas falas, sentenças carregadas de enigmas. À primeira vista, ela poderia ser interpretada apenas como mais uma personagem modernista; contudo, o peso de sua construção recai sobre o viés do discurso direto simples, evidenciado na pergunta: “O senhor quer bem a seu pai?” (Almeida, 1981, p. 24).

Além disso, a personagem se destaca no cenário de ação devido à forma como suas falas se integram organicamente à narrativa. Isso se confirma na análise de sua linguagem, segundo Proença “O seu perfeito ajustamento ao contexto, sem as fissuras do intencional, nem as marcas de cola do obrigatório” faz com que suas formações discursivas se fundam ao exterior do texto (Proença, 1981, p. 44).

Soledade representava todos os gravames da seca. Não conservara, sequer, aquele acento de beleza murcha da primeira aparição romântica. As olheiras funéreas alastravam-se como a máscara violácea de todo o rosto. Encrespava-se a pele enegrecida nas longas ossaturas. E trazia as faces tão encovadas que parecia ter três bocas (Almeida, 1981 p. 113).

Soledade é vítima do poder de Dagoberto ao ser violentada por ele; no entanto, é também ela quem escolhe seu próprio destino, o que evidencia a força e a resistência do sertanejo. A miséria, a submissão e o fracasso na tentativa furtiva do amor de Lúcio deixam clara a ideia de distorção romântica: “Soledade está puxando o sertão. Ela é quem manda em tudo. Vão de arribada...” (Almeida, 1981, p. 96).

A autoridade exercida por Dagoberto é sentida por todos ao seu redor. Viúvo e com o único filho distante, sua presença comprova a ausência de liberdade. A isso se soma a “presença da cobardia, que empenha a palavra e a descumpre instantaneamente, pois não lhe dorme n’alma o sentimento de honra e não lhe peja à cara a falta à palavra dada” (Tavares, 1978, p. 85). À medida que o romance avança, torna-se evidente a personificação do senhor de engenho como símbolo do controle sobre as classes mais pobres, enquanto a voz do narrador emerge como um instrumento de denúncia:

Dagoberto tinha a experiência desse regime de privações crônicas:

- Pobre de barriga cheia. Deus te livre!

Era uma penúria ostensiva que não se envergonhada nem se carpia.

Nada tinham de seu; só possuíam, como costumavam dizer, a roupa do corpo.

Viver assim era, apenas, esperar pela morte (Almeida, 1981, p.65).

Sob a ótica da linguagem do brejo, quase tudo se reduz ao servilismo, sendo este “despersonalizado, reduzido a animal, e de inferior qualidade, o brejeiro vive e fala a linguagem do escravo conformado” (Tavares, 1978, p. 82). A partir dessa perspectiva, evidencia-se na narrativa romanesca uma bipolaridade entre dominador e dominado, cuja supervisão e manutenção são atribuídas à voz de denúncia oriunda do narrador Lima (2011).

O sentimento recriminatório manifesta-se por meio de um realismo impactante e doloroso para os brejeiros, que se encontram subjugados pelo senhor de engenho. Nesse contexto, “a linguagem da liberdade e da honra, da sobranceira e do arrojo, da independência e da altivez” (Tavares, 1978, p. 79) cede espaço à servidão e ao sofrimento, evidenciando a desigualdade que rege as relações sociais e econômicas no universo da narrativa:

- Patrão, o cavalo s'embaraçou e morreu enforcado!

- Cabra da peia, você foi o culpado!

E ali mesmo, o senhor de engenho tirou o renbeque do armador e deu-lhe como nunca se dera em um negro fujão.

O bravateiro apanhou de cabeça baixa talvez para livrar o rosto de alguma lapada cega (Almeida, 1981, p. 90).

A condição dos brejeiros, exemplificada nas personagens Xinane, Manuel Broca, mãe-preta Milonga e Latomia, demonstra uma subjugação socioeconômica estrutural, materializada na linguagem e na postura física. A imagem dos “trabalhadores curvados sobre as enxadas” (Almeida, 1981, p. 13) ultrapassa a mera descrição laboral: configura-se como alegoria do servilismo internalizado, herança histórica que naturaliza a opressão. A linguagem desses personagens, marcada pela submissão, opera como mecanismo de reprodução simbólica da ausência de liberdade, reforçando sua posição marginal no engenho.

Xinane, enquanto “representante metonímico do Brejo” (Tavares, 1978, p. 14), encarna a moralidade distorcida de um grupo reduzido à sobrevivência, cuja covardia e medo surgem como respostas à violência estrutural, e não como escolhas individuais. Nesse sentido, a relação entre natureza árida e degradação humana no

romance expõe como o ambiente hostil “corrói valores morais, convertendo a resistência em resignação” (Nóbrega, 2018, p. 28).

Em contraponto, os sertanejos retirantes, simbolizados por Pirunga, emergem como antítese dos brejeiros. Enquanto estes são associados à "anulação moral" (Tavares, 1997, p. 88), os sertanejos carregam uma "heroicidade" vinculada à riqueza linguística e à ética combativa. A fala de Pirunga — "Sertanejo não levanta a mão contra mulher!" (Almeida, 1981, p. 75) — estabelece um código de honra que contrasta com a linguagem impregnada de "servilismo" (Tavares, 1978, p. 84) dos brejeiros.

A expressão "Se eu sou demais na minha terra, vou me acabar na bagaceira" (Almeida, 1981, p. 101) sintetiza o paradoxo entre a autonomia identitária do sertão e a desesperança imposta pela migração. Apesar de seu discurso estereotipado, como observa Lima (2011), A linguagem de Pirunga expõe a fratura entre a retórica de liberdade e a realidade da opressão, evidenciando o distanciamento social.

Essa dualidade linguística — submissão versus resistência — reflete a estratificação social do Nordeste brasileiro. Enquanto os brejeiros são reduzidos à condição de corpos instrumentalizados, "magote de corcundas", os sertanejos preservam, mesmo na diáspora, uma identidade cultural que desafia a dominação. A obra retrata e ao mesmo tempo desnaturaliza a violência simbólica, questionando o projeto nacional que marginaliza regiões periféricas. A fala dos personagens torna-se, portanto, um campo de disputa política, onde se articulam silêncios e resistências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *A Bagaceira* revela que a tríade linguística — recriminação, liberdade e submissão — estrutura a narrativa e as contradições de um Nordeste marcado pela seca e pela desigualdade. A dicotomia entre o discurso erudito do narrador, carregado de lirismo e ironia, e a oralidade regional das personagens evidencia uma estratégia estilística que vai além da representação estética: configura-se como instrumento político de denúncia. O narrador, com sua linguagem refinada, assume o papel de crítico das estruturas opressoras, enquanto as personagens subalternas, por meio de regionalismos e expressões coloquiais, corporificam a resistência e a subjugação inerentes ao contexto sertanejo.

José Américo de Almeida, ao combinar registros distintos, documenta a realidade sociocultural do Nordeste e desvela a violência simbólica implícita na imposição de hierarquias linguísticas. A obra demonstra que a "dor sentida por todos" emerge como fruto de um sistema que naturaliza exclusões, seja pela estigmatização do falar regional, seja pela idealização romântica do sertão. A linguagem opera como espelho das tensões entre centro e periferia, expondo como projetos nacionais homogeneizadores silenciam identidades marginalizadas.

Ao centralizar a linguagem como "retrato do Brasil," *A Bagaceira* desafia a noção de uma língua única e propõe um diálogo entre o culto e o popular. Esse hibridismo enriquece a narrativa e ressignifica a literatura como espaço de disputa e resgate cultural. A obra consolida-se como registro histórico e manifesto crítico, capaz de questionar estruturas de poder e reivindicar a pluralidade linguística como elemento fundante da identidade nacional.

REFERÊNCIAS

Bagno, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

Almeida, José Américo de. *A bagaceira*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

Athayde, Tristão de. *O romance brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

Coutinho, Afrânio. *A Literatura no Brasil*, direção: Afrânio Coutinho; co-direção: Eduardo de Faria Coutinho. 7ªed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.

Lima, Aparecida. *A literatura e o discurso político-ideológico: um estudo sobre o regionalismo brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2001.

Magalhães, José. *Ironia e discurso literário: uma análise dos romances nordestinos*. Salvador: UFBA, 2009.

Oliveira, Antônio. *Linguagem e realidade social no romance brasileiro*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

Proença, Domício. *O fenômeno estilístico no romance regionalista*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

Tavares, Hélio. *Aspectos sociais no romance nordestino*. Fortaleza: Edições UFC, 1978.

Nóbrega, Maria. *Secas e narrativas: a estética da degradação*. Fortaleza: Edições UFC, 2018.